

I

*From fairest creatures we desire increase
 That thereby beauty's rose might never die,
 But as the ripper should by time decease
 His tender heir might bear his memory:
 But thou, contracted to thine own bright eyes,
 Feed'st thy light's flame with self-substantial fuel,
 Making a famine where abundance lies,
 Thyself thy foe, to thy sweet self too cruel.
 Thou that art now the world's fresh ornament
 And only herald to the gaudy spring,
 Within thine own bud buriest thy content
 And, tender churl, mak'st waste in niggarding.
 Pity the world, or else this glutton be:
 To eat the world's due, by the grave and thee.*

Primeiro soneto de toda a série, pertence aos que tentam fazer com que Southampton gerasse filhos. No verso final, a concisa referência ao que Southampton deve ao mundo (seu sêmen) e o que a sepultura deve ao mundo: o próprio Southampton. Rima interna (“heir”/“bear”) no verso 4, mantida em (“herdeiro”/“inteiro”). Aliteraões em “ff” predominantes nos versos 6 e 8, passadas para os versos 5 e 6 da trad. (“flama”, “fogo”, “fartura”, “fome). Os vv. 5-7 levantam o tema de Narciso (Wait, p. 21). Diversos

Dos raros, desejamos descendência,
 Que assim não finde a rosa da beleza,
 E morto o mais maduro, sua essência
 Fique no herdeiro, por inteiro acesa.
 Mas tu, que só ao teu olhar te alias,
 Em flama própria ao fogo te consumes
 Criando a fome onde fartura havia,
 Rival perverso do teu próprio nome.
 Tu que és do mundo o mais fino ornamento
 E a primavera vens anunciar,
 Enterras em botão teus suprimentos:
 – Doce avareza, estroina em se poupar.
 Doa-te ao mundo ou come com fartura
 O que lhe debes, tu e a sepultura.

comentaristas tratam da significação de “increase”, no v. 1, que no inglês elisabetano tomava o valor de metáforas da astronomia (crescimento da lua), da biologia (descendentes, como no interlúdio de “The Tempest”). IB traduziu por “prole”, VGM também. Oscar Mendes optou pelo verbo crescer. PESR não incluiu este entre os 33 sonetos que traduziu. RSV optou pela ideia de fruto (“Dalle belle creature un frutto amiamo”). Mac-Dowell Filho escreveu “De entes lindos pleiteamos incremento”.

II

*When forty winters shall besiege thy brow
And dig deep trenches in thy beauty's field,
Thy youth's proud livery, so gazed on now,
Will be a tattered weed of small worth held:
Then, being asked where all thy beauty lies,
Where all the treasure of thy lusty days,
To say within thine own deep-sunken eyes
Were an all-eating shame and thriftless praise.
How much more praise deserved thy beauty's use
If thou couldst answer "This fair child of mine
Shall sum my count and make my old excuse",
Proving his beauty by succession thine!
 This were to be new-made when thou art old
 And see thy blood warm when thou feel'st it cold.*

Depois que o cerco de quarenta invernos
 Cave em trincheiras campos do teu rosto,
 As vestes do verdor, julgado eterno,
 Terás como frangalho já deposto.
 Então, se perguntarem por teu viço,
 O tesouro dos teus melhores dias,
 Dizer que resta em teu olhar mortiço
 Seria falso e te envergonharia.
 Mais vale quem beleza reproduza;
 Antes dissesse: “Eis aqui meu filho;
 Fala por mim, minha velhice escusa”,
 Beleza nova a confirmar teu brilho.
 É o que traz à velhice um novo estio
 E aquece o sangue quando o sintas frio.

Na mesma linha do anterior, quanto ao que significa. Usa como argumento a ameaça do envelhecimento (muito frequente nos sonetos shakespearianos) e de que o envelhecimento aconteça sem a compensação dos filhos. No orig., livery, libré, fardamento da ativa juventude se Southampton, e o fato de ser so gazed on now (merecedora de tantos olhares agora) atestariam a beleza do nobre.

III

*Look in thy glass and tell the face thou viewest
Now is the time that face should form another,
Whose fresh repair if now thou not renewest
Thou dost beguile the world, unbless some mother.
For where is she so fair whose unearned womb
Disdains the tillage of thy husbandry?
Or who is he so fond will be the tomb
Of his self-love to stop posterity?
Thou art the mother's glass and she in thee
Calls back the lovely April of her prime,
So thou through windows of thine age shall see,
Despite of wrinkles, this thy golden time.
 But if thou live remembered not to be,
 Die single and thine image dies with thee.*

Olha no espelho e conclama teu rosto
 A formar outro para que não suma
 O teu frescor: se o negas dás desgosto
 Ao mundo; e alguma mãe não se consuma.
 Qual a mulher, de ventre ainda infértil,
 Que a tal marido recuse plantio?
 E quem sepulta, no autoamor inerte,
 A geração dos filhos, doentio?
 Espelhas tua mãe e lhe anuncias
 A sua imagem, renovada agora:
 Assim nos filhos, janela em teus dias,
 Verás, malgrado a idade, a tua aurora.
 Mas se não queres marcas da passagem,
 Morre solteiro e apaga a própria imagem.

No orig., no v. 5, unearned, do inglês elisabetano, é “não arado, não cultivado”. Nos versos 9 e 10, aceno cortesão à condessa, mãe de Southampton. Todo o poema se centraliza em imagens de “geração como plantio” e orbita em expressões da agricultura. Fechamentos semelhantes (em torno de imagens da economia, a ideia do cofre, vocabulário náutico etc.), caracterizam muitos dos sonetos. Husbandry, vale por casamento e economia ou, aqui, por plantio. Aparecerá também com duplo sentido no soneto 13.

IV

*Unthrifty loveliness, why dost thou spend
Upon thyself thy beauty's legacy?
Nature's bequest gives nothing but doth lend,
And, being frank, she lends to those are free.
Then, beauteous niggard, why dost thou abuse
The bounteous largess given thee to give?
Profitless usurer, why dost thou use
So great a sum of sums yet canst not live?
For, having traffic with thyself alone,
Thou of thyself thy sweet self dost deceive.
Then how, when nature calls thee to be gone,
What acceptable audit canst thou leave?
Thy unused beauty must be tombed with thee,
Which, used, lives the executor to be.*

Beleza perdulária, a tua: – esta
 Que em si mesma consome os seus penhores.
 Não lega nada, a natureza: empresta
 (E é mão-aberta) aos bons devolvedores.
 Por que então, belo sovina, estragas
 O que ganhaste para oferecer?
 Usura sem proveito, a que consagras
 À soma de tais somas sem viver!
 Se só contigo mesmo negocias,
 Estás negando a ti tua doçura.
 Assim te leve a natureza um dia,
 Que registro de contas te asseguras?
 Pois a beleza enterras, avarento,
 Que faria cumprir teu testamento.

Novamente ideias de uso e usura, que o dramaturgo utilizou com frequência. No verso 6 da trad., lembranças de “O que fez para dar-se, a natureza” de Camões, referindo-se à graça da mulher e citado por Manuel Bandeira em prefácio à sua antologia de poetas bissextos brasileiros.

As horas que formaram gentilmente
 Tua feição, que todo olhar procura,
 Serão tiranas, quando, indiferentes,
 Ao formoso roubarem formosura:
 Que o tempo é sem repouso, e do verão
 Leva ao inverno – e ali verão se esgota,
 Gelada a seiva; e na devastação,
 – O belo sob a neve e as folhas mortas...
 Se a essência do verão não se guardasse
 Em líquida prisão, muros de vidro,
 Havia de findar, sem que o lembrassem,
 O efeito da beleza, desvalido.
 Mas a essência da flor, chegado o inverno,
 E extinta a forma, resta um bem eterno.

Aliteração (unfair, fairly), no verso 4, preservada na trad. Presente também em lusty leaves (v. 7), que a trad. aproxima por inverno/verão/seiva/devastação, dos vv. 6 e 7. A “essência do verão” vale por “perfume” e a “líquida prisão, muros de vidro”, por seu continente de gelo ou seu frasco, que preservam a essência da flor embora o inverno lhe destrua a forma.